

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE PEDREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

DAMARIS GABRIELLE PEREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICO
REFLEXIVOS**

Pedreiras
2024

DAMARIS GABRIELLE PEREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICO
REFLEXIVOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras da Universidade Estadual do
Maranhão, Campus de Pedreiras, como requisito
parcial para obtenção de grau de Licenciada em
Letras.

Orientadora: Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz.

Pedreiras

2024

Lima, Damaris Gabrielle Pereira do Nascimento

Prática de letramento literário na educação de jovens e adultos como ferramenta para formação de sujeitos crítico reflexivos / Damaris Gabrielle Pereira do Nascimento Lima. – Pedreiras, MA, 2024.

51 f

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2024.

Orientador: Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz

1.Leitura literária na EJA. 2.Literatura. 3.Letramento literário. I.Título

CDU: 374.7

Elaborado por Cássia Diniz- CRB 13/910

DAMARIS GABRIELLE PEREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICO
REFLEXIVOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão,
Campus de Pedreiras, como requisito
parcial para obtenção de grau de
Licenciada em Letras.

Aprovado em: 30/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



EDMA RIBEIRO LUZ

Data: 12/11/2024 17:02:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Edma Ribeiro Luz (Orientadora)

Licenciada em Letras-Língua Portuguesa e respectivas Literaturas – UEMA

Esp. em Língua Portuguesa e Literatura – FLATED

Esp. em Informática na Educação – IFMA

Documento assinado digitalmente



RAYANE FIGUEIREDO DE FREITAS MAGALHAES

Data: 12/11/2024 16:22:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Rayanne de Freitas Magalhães

Esp. em Docência no Ensino Superior – PROMINAS

Esp. em Informática na Educação – IFMA

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente



ANNY GABRIELLY ARAUJO DOS SANTOS

Data: 12/11/2024 22:13:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Anny Gabrielly Araújo dos Santos

Especialista em Docência no Ensino Superior

Faculdade Memorial Adelaide Franco – FEMAF

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia e minha luz por me dar força e coragem para enfrentar essa longa e árdua caminhada.

Aos meus pais José Carlos Pereira e Hilbeniria Antônia Pereira do Nascimento Lima, por serem o meu pilar, por me apoiarem e me incentivarem nos estudos.

Aos meus colegas de curso Maiara Cristina, Mateus Lima, Ilene Maria, Silvio Luís e Gabriel Victor, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade e pelo apoio demonstrado ao longo da minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora Edma Ribeiro Luz, pelas orientações e contribuições dadas na escrita deste trabalho e que fizeram grande diferença em seu resultado final.

*A prática educativa é uma forma de
intervenção no mundo*

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi abordar sobre as contribuições do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos, destacando sua relevância para o desenvolvimento integral dos estudantes nessa modalidade de ensino. Os educandos, que são atendidos pela EJA, ao serem inseridos nessa modalidade de educação precisam de um ensino que lhes possibilite uma formação crítica e reflexiva, capaz de torná-los aptos a agir de forma autônoma. Entretanto, as escolas necessitam desenvolver meios que possibilitem a oferta de uma educação cidadã para estes jovens e adultos, levando em conta os saberes, competências e expectativas. Portanto, buscamos com esta pesquisa não só compreender os benefícios diretos da leitura literária, mas também identificar as práticas e estratégias mais eficazes para a promoção do acesso à literatura e seu potencial transformador, ao abordar sobre este tema lançamos luz sobre a importância de integrar a literatura de forma significativa no currículo da Educação de Jovens e Adultos, planejando não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o fortalecimento da autoestima desses estudantes assim como a sua criatividade e consciência. Para alcançarmos os objetivos aqui propostos e termos o desenvolvimento desta pesquisa como desejado, contamos com as contribuições de Ângela B. Kleiman (2016) e Ingedore V. Koch (2010) com seus estudos sobre o texto e a leitura enquanto processo interativo entre sujeitos; Magda Soares (2003) e suas abordagens sobre o conceito de letramento e alfabetização; Paulo Freire (1996) e seus estudos sobre a educação, liberdade e autonomia que são imprescindíveis para que seja feita uma educação de qualidade; Rildo Cosson (2011, 2014, 2018 e 2020) abordando sobre letramento literário e a leitura interativa como meio de formação do leitor crítico reflexivo; Terry Eagleton (2006) e Leyla Perrone Moisés (200 e 2008) sobre a literatura, além de outros autores que fazem parte da escrita deste trabalho.

Palavras-chave: leitura literária na EJA; literatura; letramento literário.

ABSTRACT

The objective of this research was to address the contributions of literary literacy in Youth and Adult Education, highlighting its relevance for the integral development of students in this teaching modality. Students who are served by EJA, when inserted in this education modality, need an education that allows them a critical and reflective formation, capable of making them able to act autonomously. However, schools need to develop means that allow the provision of a civic education for these young people and adults, taking into account their knowledge, skills and expectations. Therefore, with this research we seek not only to understand the direct benefits of literary reading, but also to identify the most effective practices and strategies for promoting access to literature and its transformative potential. By addressing this topic, we shed light on the importance of integrating literature in a meaningful way in the curriculum of Youth and Adult Education, planning not only for academic development, but also for strengthening the self-esteem of these students as well as their creativity and awareness. In order to achieve the objectives proposed here and to have the development of this research as desired, we count on the contributions of Ângela B. Kleiman (2016) and Ingedore V. Koch (2010) with their studies on text and reading as an interactive process between subjects; Magda Soares (2003) and her approaches to the concept of literacy and alphabetization; Paulo Freire (1996) and his studies on education, freedom and autonomy that are essential for quality education; Rildo Cosson (2011, 2014, 2018 and 2020) addressing literary literacy and interactive reading as a means of training the reflective critical reader; Terry Eagleton (2006) and Leyla Perrone-Moisés (2000 and 2008) on literature, in addition to other authors who are part of the writing of this work.

Keywords: literary reading in EJA; literature; literary literacy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos;

Enceja – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos;

MEC – Ministério da Educação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LEITURA.....	11
2.1 Definição e características gerais	11
3 LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO	17
3.1 Leitura literária dentro e fora da escola	18
3.2 Letramento literário e a mediação do professor no trabalho com a leitura	22
literária	22
4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA	28
4.1 Contexto histórico, evolutivo e leis educacionais.....	28
4.2 Desafios e oportunidades dos alunos da EJA	33
5 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA EJA	37
5.1 Leitura literária na prática.....	38
6 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi abordar sobre as contribuições do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos, destacando sua relevância para o desenvolvimento integral dos estudantes nessa modalidade de ensino. Os objetivos específicos são: a) analisar a relação entre o letramento literário e o desenvolvimento cognitivo de jovens e adultos; b) investigar as barreiras e desafios enfrentados na promoção do letramento literário nessa modalidade de educação; c) avaliar os impactos de estratégias inovadoras de ensino e aprendizagem de literatura para esse público-alvo.

Ao discutir como o contato com a literatura pode potencializar o processo de aprendizagem e promover a inclusão social e cultural dos estudantes que, muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade social na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos, no qual esses sujeitos precisam de um ensino que lhes possibilite uma formação crítica e reflexiva, capaz de torna-los aptos a agir de forma autônoma.

Na busca por essa formação plena, o letramento literário torna-se imprescindível, uma vez que possibilitará a formação de um leitor competente e capaz de realizarem reflexões críticas sobre si mesmos, sobre a sociedade em que estão inseridos e sobre sua forma de atuar nesta sociedade.

Pensando nisso, chega-se a esta pesquisa, que foi desenvolvida com o objetivo de responder ao seguinte questionamento: por que é importante promover o acesso e desenvolver o gosto pela leitura literária na EJA?

De maneira geral, o letramento literário não se restringe à capacidade de ler e escrever, mas envolve a compreensão e apreciação da literatura como forma de expressão artística e cultural. Na modalidade educacional da EJA, onde muitos indivíduos enfrentam desafios educacionais e sociais, tal prática educativa pode revelar um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades de leitura crítica, pensamento reflexivo e construção da identidade desses estudantes.

Dessa maneira, faremos aqui uma discussão que caracteriza este trabalho como uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, qualitativa que de acordo com Gil (2002, p. 42), por meio da pesquisa descritiva objetiva-se

“descrever as características de determinadas populações ou fenômenos”. E de caráter exploratório também, que de acordo com o mesmo autor, esse tipo de pesquisa busca “proporcionar maior familiaridade com o problema. Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso” (Gil, 2002, p. 41).

Para alcançarmos os objetivos aqui propostos e termos o desenvolvimento desta pesquisa como desejado, contamos com as contribuições de Ângela B. Kleiman (2016) e Ingedore V. Koch (2010) com seus estudos sobre o texto e a leitura enquanto processo interativo entre sujeitos; Magda Soares (2003) e suas abordagens sobre o conceito de letramento e alfabetização; Paulo Freire (1996) e seus estudos sobre a educação, liberdade e autonomia que são imprescindíveis para que seja feita uma educação de qualidade; Rildo Cosson (2011, 2014, 2018 e 2020) abordando sobre letramento literário e a leitura interativa como meio de formação do leitor crítico reflexivo; Terry Eagleton (2006) e Leyla Perrone-Moisés (200 e 2008) sobre a literatura além de outros autores que fazem parte da escrita deste trabalho.

Os próximos capítulos estão organizados da seguinte maneira: o primeiro *Leitura: definições e características gerais* aborda sobre as concepções de leitura dando ênfase para que será trabalhada aqui, que é a leitura como uma interação entre sujeitos. Em seguida temos o segundo tópico, *Leitura e letramento literário*, no qual levantaremos discussões sobre a definição de letramento, de letramento literário e a importância dos dois para o ensino de literatura nas escolas e principalmente na modalidade de educação EJA. A EJA, por sua vez é o tema do terceiro tópico que recebe o título *Educação de jovens e Adultos – EJA*, aqui discutiremos sobre os aspectos históricos dessa modalidade de educação e as leis educacionais que garantem esse tipo de educação. No quarto e último tópico, *Estratégias pedagógicas para o ensino da literatura na EJA*, traremos para o centro das abordagens, como o próprio título sugere, práticas metodológicas que podem ser utilizadas para o ensino de literatura na sala de aula na educação para jovens e adultos.

2 LEITURA

Quando somos questionados sobre o que é a leitura, geralmente, nos vem à mente esta definição “Ler é a capacidade de decifrar códigos linguísticos”. De maneira involuntária limitamos a leitura ao processo de decodificar signos linguísticos, contudo a leitura está muito além disso, realizamos a leitura quando olhamos para um objeto e conseguimos dá um significado a ele, quando vemos um anúncio publicitário, quando entendemos gestos corporais, tudo isso é leitura. Neste capítulo abordaremos sobre as concepções de leitura e buscaremos mostrar a amplitude desse termo por meio de discussões teóricas.

2.1 Definição e características gerais

A leitura nos acompanha desde muito antes de adentrarmos o espaço da escola, que é o lugar socialmente destinado ao ensino de leitura e escrita, quando chegamos na escola já somos leitores, isso por que existe várias formas de ler, nos ateremos aqui a fazer discussões acerca da leitura de textos no ambiente escolar.

De acordo com Paulo Freire o indivíduo adquire a capacidade de ler palavras posteriormente à aquisição da habilidade da leitura de mundo, isso é um fator importantíssimo quando falamos sobre leitura, pois a leitura de mundo, que são os conhecimentos prévios adquiridos pelo sujeito leitor, influenciam na compreensão do texto escrito uma vez que este ganhará sentido a partir dos conhecimentos prévios que o leitor carrega consigo. No processo de leitura o sujeito constrói os seus próprios significados, estrutura seus próprios questionamentos e busca pelas respostas necessárias a eles. É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história (Ferreira; Dias, 2002).

Durante o processo de leitura é necessário que o leitor desperte vários níveis de conhecimentos que foram adquiridos ao longo de sua vida, segundo Kleiman (2016, p. 13) o leitor só consegue dar sentido ao texto a partir da utilização de seu “conhecimento linguístico, textual e conhecimento de mundo”,

e justamente pela necessidade de o sujeito leitor interagir com esses vários fatores é que a leitura é considerada como um processo de interação, se não houver esse entrelaçamento de saberes durante o ato de ler o leitor não conseguirá compreender o que está sendo lido.

Durante muito tempo a leitura foi vista pela sociedade e até mesmo na escola como um processo de decodificação de palavras, ou de extração de sentidos dos textos que já viriam prontos, o trabalho do leitor era apenas absorver esses sentidos presentes nos textos, assim para se tornar um leitor competente o aluno precisava aprender a identificar os signos linguísticos, isso o permitiria a ler qualquer texto.

Com o passar do tempo e depois de muitas pesquisas feitas acerca do processo de ensino-aprendizagem da leitura, essa concepção foi sendo modificada, hoje a leitura é abordada como uma atividade complexa e interativa, exigindo que o leitor relacione o texto com o seu contexto tanto de produção quanto de leitura, dessa forma a leitura passa a ser vista não mais como um processo de decodificação e sim como um processo de reflexão e criticidade. No entanto, um processo não está desligado do outro, para que o leitor consiga associar o texto ao seu conhecimento prévio é necessário que ele aprenda a decodificá-lo também.

No processo de leitura cada informação decodificada pelo leitor no texto vai sendo relacionada aos seus conhecimentos prévios, dessa forma, o leitor consegue construir unidades de sentidos, nesse processo o leitor, ao compreender o texto, consegue apreciar o que está sendo dito por ele, posicionando-se a favor ou contra ao que está sendo dito, fazendo suas críticas e reconstruindo o seu conhecimento, pois a cada nova leitura que realizamos acrescentamos algo ao nosso conhecimento.

Sobre esse processo de interação do leitor com o texto durante o ato de leitura, Koch (2010, p. 11), escreve que

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeito e não algo que preexistia a essa intensão. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no evento comunicativo.

Esta autora corrobora com as ideias de Kleiman, citada anteriormente, e confirma o que já temos dito sobre a leitura como um processo de interação, mostrando porquê de cair em desuso a perspectiva de leitura apenas como um processo de decodificação linguística, já que o texto “não é um simples produto de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo”, pelo contrário, o leitor é um agente ativo que diante do texto adquire o papel de construtor de sentido utilizando recursos que estão a sua disposição como a seleção, antecipação, inferência e verificação.

Bakhtin, defensor da ideia do texto como algo dialógico traz em sua compreensão de leitura, que o texto é o lugar de interação, uma vez que o sentido não está no texto em si, mas é construído ao longo do ato de leitura, o leitor deve assumir durante toda a leitura “uma atitude ‘responsiva ativa’”, isto é, espera-se que o leitor concorde, discorde, acrescente, adapte etc. as ideias do autor, aguçando o seu senso crítico.

Cosson (2014), em seus estudos sobre a leitura constrói sua definição entendendo a leitura como um diálogo, que remete ao processo de interação já abordado aqui, não temos a pretensão de sermos redundantes trazendo conceitos semelhantes, mas sim construir uma discussão sólida sobre o tema com base em estudos que foram feitos ao longo do tempo.

De acordo com o autor, “ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores” (Cosson, 2014, p. 36), dessa forma, ler é um ato de imersão em um universo paralelo, onde cada linha escrita é um convite para explorar novas dimensões de significados. É como construir uma ponte entre o texto e a nossa própria bagagem de vida, permitindo-nos viajar no tempo e no espaço para nos conectarmos com a experiência do autor é uma dança entre o presente e o passado, entre o eu e o outro, que enriquece e transforma a nossa visão de mundo.

O processo de leitura além de ser interativo é feito com um propósito, as intenções do leitor irão interferir na interação que é construída entre ele e o texto. As intenções diante de um texto dependerão de vários aspectos, podemos ler

um texto em busca de informações, de instruções, de prazer, de relaxamento, em busca de conhecimento científico, esses fatores irão nortear o tipo de texto que será escolhido e o modo como a leitura será realizada podendo variar entre dedicar mais ou menos tempo à leitura, ler com mais ou menos atenção, com maior ou menor interação. Cada texto requer uma intenção e vice versa.

Sabendo dessa pluralidade de textos e da importância e utilização de cada um, é necessário que se consideremos também a pluralidade dos leitores, cada sujeito possui o seu conhecimento que é diferente dos demais, enquanto um leitor desperta certos tipos de conhecimentos para a leitura outros irão despertar outros tipos de conhecimentos, pois possuem vivências diferentes, realidades diferentes, perspectivas diferentes e todos esses fatores devem ser considerados durante o ato de ler, Koch (2010, 19) afirma que “na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais etc.”. Com isso, nos importa dizer que um mesmo texto pode significar diferente para leitores diferentes, e ainda mais, pode significar diferente para o mesmo leitor a cada leitura que ele faz do mesmo texto, uma vez que a cada leitura realizada mais informações vão sendo absorvidas e assimiladas, o sujeito leitor que realizou a primeira leitura já não é mais o mesmo depois de quatro leituras realizadas. A autora reforça que “considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto” (Koch, 2010, p. 21).

Contudo, o leitor não pode ler qualquer coisa em um texto, levando em conta somente as suas vontades e intenções, pois como já dito aqui, a leitura é um entrelaçamento entre o texto o leitor e o autor, e isso deve ser considerado em todo e qualquer processo de leitura.

A concepção de leitura que é abordada nos documentos curriculares que regem a educação brasileira é também a de leitura como processo de interação:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de

seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

(Parâmetros curriculares p. 69-70)

Durante a discussão realizada neste capítulo, prezamos por abordar a leitura a partir do ponto de vista de autores que a trazem em seus estudos como um processo de interação, a leitura é acima de tudo um momento de troca, troca de conhecimentos, troca de personalidades, é transformação, o leitor vai se modificando a cada leitura realizada, seja de textos diferentes ou do mesmo texto lido diversas vezes. Todos esses fatores aqui abordados são fundamentais para tratarmos da leitura no ambiente escolar. Onde, em muitos casos, a leitura é feita para fins superficiais tais como as provas de fluência ou mesmo atividades de compreensão textual com questionamentos rasos sobre um texto lido na sala de aula, o que não desperta nos alunos suas capacidades mais complexas como a reflexão e criticidade. Contrariando vários aspectos até agora discutidos aqui.

Para Soares (2004, p. 107), “a escola automatiza as atividades de leitura e de escrita em relação as suas circunstâncias e usos sociais criando seus próprios e peculiares eventos e suas próprias e peculiares práticas de letramento”. As palavras da autora mencionada nos fazem perceber que muitas vezes as aulas de língua portuguesa acontecem de forma tradicional e monótona sem despertar nos alunos o prazer pela leitura, o que gera uma insatisfação de ambas as partes, uma vez que a leitura é realizada apenas para cumprir mais uma atividade com poucos aproveitamentos cognitivos, e a educação, de forma geral, acaba perdendo.

A prática de leitura na EJA mostra-se essencial para o desenvolvimento crítico e humano dos estudantes dessa modalidade educacional, impulsionando neles uma nova perspectiva de vida e um novo olhar sobre o mundo, a falta de leitura para esses estudantes pode acarretar em vários problemas tanto na escola como no meio social em que esses alunos estão inseridos, Martins (2007, p. 25), afirma que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”.

Quando falamos na modalidade de educação da EJA, estamos nos referindo a sujeitos que na sua grande maioria foram colocados à margem da sociedade, e que mesmo assim travam uma batalha diariamente, perpassando vários obstáculos para conseguirem concluir seus estudos, buscando uma oportunidade que não tiveram em outro tempo.

Diante disso, ao trabalhar a leitura com esse público, faz-se necessário levar em conta esses aspectos destacados, pois se não forem considerados não haverá interação no processo de leitura, apenas a decodificação dos signos linguísticos, dificultando assim a formação de um leitor crítico-reflexivo.

Até aqui, abordamos sobre os aspectos gerais da leitura e sua contribuição para a formação do leitor crítico, isso é fundamental para dar base à discussão geral desta pesquisa que é abordar o letramento literário na EJA, para tanto fez-se necessário essa abordagem inicial acerca da leitura em sua forma mais ampla para que assim pudéssemos seguir para os próximos capítulos que trará para o centro das abordagens a leitura literária, uma forma mais específica de leitura, e letramento literário.

3 LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

Não pretendemos neste capítulo apresentar as definições dos termos que compõem o seu título afim de diferencia-los, mas buscaremos mostrar por meio de suas definições como um complementa o outro. No capítulo anterior abordamos sobre a leitura de forma ampla e buscamos apresenta-la a partir de conceitos que a definem como um processo dialógico, portanto, o leitor que consegue tomar a leitura a partir dessa perspectiva, de interação, é considerado como um leitor proficiente, que além de conseguir decodificar os códigos linguísticos que compõem a forma do texto consegue também construir sentidos para ele. Esse é o princípio do letramento, ponto inicial dessa discussão.

O termo letramento é um léxico de origem inglesa que corresponde no português a diferentes conceitos, dependendo da perspectiva na qual ele é adotado, aqui trataremos deste termo sob o ponto de vista pedagógico, pois, além de ser a perspectiva mais cabível aqui é também a que introduziu o termo à nossa língua relacionando-se diretamente ao conceito de alfabetização (Soares, 2003).

Por volta da década de 80 o processo de ensino e aprendizagem estava passando por mudanças em sua estrutura isso acontece em consequência do desenvolvimento social, econômico, cultural e político pelo qual o país estava passando, assim novas tendências relacionadas ao ensino de leitura e escrita vão ganhando visibilidade devido à necessidade, no meio social e profissional, do desenvolvimento de habilidades mais avançadas nessas áreas de estudo. Tais mudanças exigiram uma reconstrução dos objetivos educacionais além da introdução de novas práticas de ensino da língua portuguesa na escola, práticas ligadas principalmente as habilidades de compreensão e produção de textos dos mais variados gêneros. É nesse contexto que surge no ambiente educacional o termo letramento que corresponde a essa nova forma de ensino, que vai além da aquisição do alfabeto e suas convenções direcionando o estudante para as práticas sociais da língua escrita (Soares, 2003)

Compreendemos assim, que *letramento* é um léxico agregado à língua portuguesa para definir aquilo que já não era mais possível de definir utilizando

apenas a palavra alfabetização, o segundo Soares (2003) indivíduo alfabetizado possui a capacidade de ler e escrever, o processo de alfabetização está mais ligado ao aprender os signos linguísticos, aprender a ler e escreve-los, já o letramento é algo mais abrangente, pois envolve as práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Letramento é, portanto, o desenvolvimento de habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções.

3.1 Leitura literária dentro e fora da escola

A arte sempre se mostrou como uma necessidade humana, a realidade assim como ela é nem sempre consegue suprir todos os anseios existenciais do homem, dessa forma, para escapar dessa realidade o ser humano busca por uma realidade alternativa distanciando-se por meio dela do cotidiano, vislumbrando a fantasia, dando lugar a imaginação, são variadas as formas de expressão da arte, temos a música, as pinturas, esculturas e no meio disso tudo temos a Literatura, que é considerada uma das mais prestigiadas formas de expressão humana.

O texto literário utiliza-se de uma linguagem criativa trazendo em seu bojo evidências culturais e sociais da época e local em que é produzida, isso porque a literatura não é independente, ela é construída dentro de um contexto, em uma determinada língua, numa determinada localidade, em uma determinada época, época em que uma determinada maneira de pensar se sobrepõe a outras, dessa forma o texto literário, intencionalmente ou não, carrega consigo todos esses aspectos, nada do que é produzido dentro de uma sociedade está isento de ser afetado pelas ideologias nela vigentes Cândia, 2006)

A discussão sobre o que literatura vem sendo feita desde muito tempo Terry Eagleton em seu livro *Teoria da Literatura: uma introdução* (2006) traz um breve histórico das diversas tentativas de formulação de um conceito que

contemplasse a literatura em sua completude, todas falharam, o autor pontua que

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (Eagleton, 2006, p. 13).

Terry conclui que a existência da literatura não se dá da mesma maneira que um organismo vivo, ela tem a sua própria maneira de existir no mundo, modificando-se ao longo do tempo acompanhando os movimentos que estão acontecendo em meio a sociedade, uma vez que a literatura, segundo o autor, tem uma estreita relação com as ideologias sociais.

Nos escritos de Marx e Friedrich Engels (1971), já se nota algumas reflexões acerca da literatura e sua relação com a sociedade quando os autores apontam que as produções artísticas é um meio de visibilidade dos interesses das classes que a produzem, dessa maneira a arte reflete a sociedade, por isso, para entendermos uma obra é necessário primeiramente compreender seu contexto de produção.

Antonio Candido (1995) em seus estudos numa tentativa de definir o que é a literatura traz em sua abordagem as seguintes considerações acerca do texto literário:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações [...] ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (Candido, 1995, p. 174)

Nessa perspectiva Cândido toma um conceito de literatura fazendo jus ao título do seu livro (Direito à literatura) abordando-a como um direito fundamental e indispensável para o desenvolvimento social e humano do indivíduo, sem distinção, pois todos devem ter acesso a cultura de maneira justa presando pela equidade, isso se mostra importante pelo fato de que, como o próprio autor aponta, “a distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis de fruidores”. Levando em

consideração tal conceituação torna-se inviável pensarmos que um indivíduo que pertença à classe social menos favorecida deva ter acesso a um acervo cultural limitado ao meio social em que vive, fazer tais inferências, seria nesse caso, manter os preconceitos pautados na perspectiva determinista de ensino.

Já é do nosso entendimento que a literatura estabelece relações com a sociedade, assim, devemos dar mais atenção à leitura literária, pois esta prática desperta no leitor a capacidade de questionar o mundo já organizado, propondo outras direções de vida e convivência cultural.

No ambiente escolar a leitura é realizada a partir de diversos gêneros textuais, as particularidades da leitura literária dividem espaço com outros tipos de leitura, tais como o texto científico, jornalísticos etc. isso requer uma atenção maior do professor e do aluno ao trabalhar com texto literário, pois a sua leitura requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades. Cosson (2020), enfatiza que ao trabalhar com o ensino de literatura na escola, há uma certa confusão entre a formação do leitor e a formação do leitor literário, ele afirma que “embora não se possa falar em um sem o outro, a superposição que se faz entre eles muitas vezes termina, por questões pragmáticas do ensino da escrita e suas dificuldades, gerando o apagamento da especificidade do leitor literário” (Cosson, 2020, p. 17).

A leitura literária quando realizada com coerência respeita as preferências de cada um, forçar o estudante a ler algo que não lhe agrada é ensiná-lo a rejeitar a literatura, aguçar no aluno a sua capacidade imaginativa e reflexiva é dar a ele a oportunidade de ser livre. É necessário que os padrões que são colocados pelo sistema educacional sejam quebrados “é preciso romper com as limitações que a escolarização inadequada da literatura costuma impor à formação do leitor literário” (Cosson, 2020, p. 34).

O autor ainda afirma que para que seja possível a formação de um leitor literário o ensino da escrita é insuficiente, assim como o acesso a atividades de fruição, visita à biblioteca da escola, empolgação na hora da leitura, por mais que todos esses fatores contribuam para esse processo de formação, ainda assim é preciso ir além, “promovendo uma aprendizagem sistematizada e sistemática da leitura literária pela qual se potencializa e diversifica o letramento literário”.

Ainda que a escola não seja a única responsável por estabelecer contato entre o texto literário e o aluno, é sem dúvidas o ambiente mais privilegiado para isso. À escola é atribuído o papel de apaziguadora das desigualdades sociais em relação ao conhecimento, uma vez que é ela o espaço destinado à consolidação da aprendizagem do sujeito independente de classe social, raça, gênero, dentre outros.

Escola e sociedade andam lado a lado, dessa forma a primeira, muitas vezes, reflete aspectos da segunda sendo um ambiente de perpetuação dos valores, das ideologias dominantes que estão presentes na sociedade, de acordo com Perrone-Moisés (2008, p. 347), a escola tem como uma de suas características principais manter fundamentos da sociedade, muitas vezes sem questioná-los. A autora ainda acrescenta, no que diz respeito ao ensino de literatura, que em meados do século XX há um retrocesso por conta de que as obras que estavam sendo escritas nessa época não condiziam com os “objetivos práticos de qualquer representação ou aprendizagem”.

A partir disso a disciplina de literatura foi sendo colocada como uma disciplina secundária, pois o fazer literário já não conservava mais a essência que tinha em outras épocas, refletindo sobre o ensino de literatura no Brasil na contemporaneidade Perrone-Moisés argumenta que a palavra literatura é raramente vista nos documentos que regem a educação no país, sendo substituída por termos como “Expressões e Comunicações”, “Linguagem Códigos e suas Tecnologias” (Perrone-Moisés, 2008).

Com isso as obras literárias passaram a entrar nas escolas seguindo determinadas regras como, por exemplo, o conteúdo que passariam a ser escolhidos a partir de seu caráter ideológico, político e social, dessa forma o tema de que trata o texto se sobressai em relação ao caráter construtivo da obra que passa a ser pouco relevante, uma vez que os textos literários passam a ser “[...]equiparados a outros tipos de textos, e avaliados em função de sua ‘brasilidade’ ou de sua aceitação pelos alunos” (Perrone-Moisés, 2008, p. 14).

Entretanto, a autora discorda de que as obras literárias destinadas aos alunos sejam escolhidas com base nesses aspectos, já que adotar essa postura acaba excluindo textos que são fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, tais argumentos convergem com os de Antônio

Candido, pois ambos afirmam que não se deve estabelecer fronteiras qualitativas no que tange ao acesso à literatura.

3.2 Letramento literário e a mediação do professor no trabalho com a leitura literária

Temos abordado aqui sobre o conceito de letramento e de leitura literária, pretendemos falar novamente sobre esses aspectos só que dessa vez a partir do conceito de letramento literário, o termo letramento foi definido anteriormente como a prática social da escrita e leitura. A leitura literária por sua vez é um tipo específico de leitura que tem como seu objeto o texto literário. Dessa forma, o letramento literário pode ser definido, de maneira geral, como o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem.

Para além de ler e escrever, quando falamos em letramento literário estamos nos referindo não só aos livros, isso porque o letramento literário inicia com os textos orais com os quais temos contatos desde crianças e com o passar dos anos vamos acessando outros tipos de literaturas como o romance, o poema, e outros. Com o passar do tempo vai acontecendo o processo de apropriação da literatura, o leitor, por meio da leitura consegue ver no texto literário aspectos que ajudarão a entender a realidade ou fugir dela.

Na prática pedagógica o letramento literário pode ser efetivado de várias formas e, por essa perspectiva, ele é visto como o desenvolvimento da competência literária, por meio de experiências literárias diversas e diversificadas que objetivem a ampliação e o aprimoramento do repertório literário (Cosson, 2020), dessa forma, é fundamental que, para a consolidação desse processo formativo, o professor, mediador desse processo, tenha alguns cuidados antes, durante e após o ato da leitura. De acordo com Cosson (2009), o professor é um dos intermediários entre o livro e o leitor, por isso é necessário que esse intermediário esteja sempre atualizado e seja um praticante da leitura, pois na maioria das vezes os livros que chegam até os alunos são os mesmos lidos pelo professor, por isso, muitas vezes os alunos só tem contato com um

número limitado de livros. Essa é uma das formas de seleção dos livros com os quais os alunos tem contato.

Antes disso, existem outros fatores que determinam quais livros serão lidos pelos estudantes de uma instituição de ensino, porém temos a falsa impressão de que somos livres no momento de escolher uma obra literária para ler. O que acontece na verdade é que “essa escolha nunca é inteiramente livre, mas conduzida por uma série de fatores que vão desde a forma como os livros são organizados nos catálogos, passando pelas estantes, até o mecanismo de incentivo ao consumo, comuns à maioria dos produtos culturais.” (Cosson, 2009, p. 31).

Essa seleção dos livros se dá por meios ideológicos assim, livros que abordam sobre determinados temas terão menos chance de serem reconhecidos e acolhidos em detrimento de outros que trazem em seu conteúdo temas mais tradicionais, outro fator é com relação aos livros que pertencem a um determinado autor cujo nome já é reconhecido e aclamado pelo público, este será mais divulgado e ofertado no meio literário, além disso existe também os interesses econômicos, os escritores que dispõem de uma quantidade de recursos maior para publicação de seu livro terá prioridade. Essa seleção acontece fora da escola, quando os livros chegam na escola há ainda uma outra seleção antes de chegar à sala de aula, por exemplo, os programas educacionais determinam que certos textos sejam utilizados para fins pedagógicos e acabam sendo utilizados apenas para medir a fluência de leitura dos alunos, a linguagem do texto também é um fator determinante nessa escolha dos livros, diante disso, Rildo Cosson afirma que “esses fatores, dentro e fora da escola, não atuam de maneira isolada um dos outros, ao contrário, combinam-se das mais variadas maneiras. Diante deles, como se pode selecionar os livros para o letramento literário? ”.

Essa parece ser uma questão fácil de ser resolvida, porém é muito complexa pois envolve vários fatores que devem ser levados em conta no momento dessa escolha, porém é necessário que se leve em conta no momento dessa seleção a atualidade da obra, uma obra atual é diferente de uma contemporânea, enquanto esta é entendida como as obras “escritas e publicadas em meu tempo” aquela é compreendida como as obras “que tem significado para

mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação” (Cosson, 2009, p. 34). Por mais que essas palavras muitas vezes sejam tomadas como sinônimos, há nesse caso, uma diferença entre elas, a importância de se escolher obras que são atuais é a possibilidade de variação entre obras clássicas, que compõem o cânone literário, e as obras contemporâneas que trazem novas perspectivas para os textos literários, porém independentemente de sua época elas possuem um significado atemporal e que podem contribuir para a formação cultural e ética do sujeito leitor.

Como mencionado anteriormente, além do cuidado com a seleção dos livros é necessário também que o mediador da leitura, o professor, se atente ao “como” essa leitura será realizada, preparar o aluno para receber a leitura é tão importante quanto instigar nele a reflexão sobre o texto após a leitura, pois para que o aluno tenha interesse em ler é preciso que fatores paratextuais ativem o seu interesse, dessa forma, os momentos que antecipam a leitura são chamados por Rildo Cosson (2009) de *motivação e introdução*, o primeiro diz respeito à uma situação criada pelo professor com o intuito de facilitar a introdução do texto, ou seja, o professor cria um contexto em que os alunos serão motivados a adentrarem no mundo da leitura literária. De acordo com o autor, criar situações de motivação deixa os estudantes mais entusiasmados para ter contato com o texto e posteriormente para o ato de leitura e isso independe da idade, nas palavras do autor

Crianças, adolescente e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhe permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para a experiência literária (Cosson, 2009, p. 53).

Importante ressaltar que nesse primeiro momento o objetivo é “preparar o leitor para receber o texto, mas *isso* não silencia nem o texto e nem o leitor [...] naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura” (Cosson, 2009, p. 56).

A introdução, por sua vez, consiste no contato mais próximo do leitor com a obra que será lida, alguns aspectos são importantes de serem seguidos nesse momento, tais como a apresentação de características do escritor e da própria

obra, mas com os cuidados de não transformar esse momento em uma aula longa e cansativa com exposições desnecessárias em relação ao escritor e quanto a obra é importante que o professor faça comentários apresentando uma justificativa para a escolha da obra trabalhada, mas sem fazer uma síntese, até porque isso tiraria o prazer da leitura.

Além disso, nesse primeiro momento, o professor pode trabalhar os elementos paratextuais como a leitura da capa, da orelha etc. afim de despertar nos alunos questionamentos e suposições sobre o que será abordado de fato no texto. De forma geral essas estratégias iniciais são utilizadas para despertar no leitor a curiosidade em descobrir o que virá pela frente, assim, é importante que o professor não esqueça que esse momento não pode se estender muito “uma vez que a função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva”, ressalta Cosson (2009, p. 61).

Apresentados os elementos que antecipam a leitura, podemos então falar do ato da leitura e da interpretação, que são outros dois aspectos importantes para a consolidação do letramento literário, durante a realização da leitura é importante que o professor se mantenha atento para que esse momento não seja realizado de qualquer forma, como estamos tratando aqui de uma leitura literária, que geralmente são leituras longas, é necessário que o professor faça o acompanhamento da leitura, é importante que esse acompanhamento seja feito objetivando sanar algum questionamentos que os estudantes tenham com relação à leitura e não como uma forma de vigiar se o aluno está realizando a leitura Cosson (2009), ressalta que “não se pode confundir acompanhamento com policiamento”.

O momento da leitura é uma etapa que revela diversas facetas em relação ao perfil dos alunos, funcionando como uma espécie de avaliação diagnóstica, nesse momento o professor observará o nível de conhecimento dos alunos no que diz respeito ao vocabulário, capacidade de interpretação, fluência na leitura, capacidade de conectar texto e realidade e vários outros fatores. Assim, o professor buscará a cada novo encontro com os alunos promover atividades que estejam ligadas aos déficits observados.

Já a interpretação, que é considerada como uma atividade complexa e muito ampla, é apresentada por Cosson (2009, p. 65) dividida em duas etapas:

interior e exterior. O primeiro está ligado ao processo de decodificação do texto, ou seja, é o processo de decifração “palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após a leitura”. Esse momento é onde o leitor irá se conectar com a obra que está lendo, é uma experiência única e individual, fundamental para a leitura literária.

O momento externo é a consolidação do processo de interpretação, é a construção de sentido do que está sendo lido, nessa etapa o leitor se tornará membro de uma “comunidade”, esse é o momento de compartilhamento entre os saberes dos leitores, cada estudante terá a missão de compartilhar o seu ponto de vista em relação ao que foi lido, além disso eles irão perceber que, ainda que parecidos, a perspectiva de cada leitor sobre a obra é diferente, e isso é uma forma de ampliar a visão dos alunos, fortalecendo neles um senso críticoreflexivo. Dentro da sala de aula,

[...] o professor deve ter claro que a aprendizagem literária se faz em círculos concêntricos que começam com a leitura individual do aluno em diálogo com a obra e avançam progressivamente para a leitura em diálogo com os colegas da turma, com os colegas e o professor, com a turma, o professor e outros leitores externos que são a crítica, a história, outros textos que também dialogaram como aquele (Cosson, 2009, p. 66).

Assim é competido ao professor buscar métodos de promoção da leitura e o seu compartilhamento, fazendo da leitura individual uma leitura coletiva. Para isso é preciso considerar alguns fatores, tais como, a inclusão de todos os alunos, para que todos eles contribuam de forma individual e coletiva no momento de compreensão do texto lido. É preciso considerar que compartilhar o seu entendimento sobre o texto é externar emoções, pressuposições e questionamentos, além disso, deve-se levar em consideração que o propósito da leitura é desenvolver uma interpretação e não impor uma pré-construída pelo professor ou qualquer outro leitor, e é necessário compreender que haverá múltiplas leituras, assim, não é necessário que se chegue a uma única, os diferentes pontos de vistas ajudam a enriquecer e ampliar os horizontes do texto lido (Cosson, 2020).

Seguir esses passos é priorizar o ensino de literatura de qualidade, é levar em conta o perfil e a necessidade dos estudantes e, além disso, é romper com a

sistematização do ensino, mostrando novas perspectivas e um novo modelo para que o processo de ensino e aprendizagem seja consolidado com êxito.

Diante disso, notamos o quão importante é que se trabalhe o letramento literário na escola, e como o foco deste trabalho está voltado para a modalidade EJA, ressaltamos a importância que a leitura pode desempenhar na vida desses estudantes, e a necessidade que se tem de levar isso até esses alunos. Nas seções seguintes trataremos acerca de aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos e posteriormente sobre os desafios e estratégias que podem ser utilizadas para levar o letramento literário aos alunos dessa modalidade de ensino.

4 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Faremos neste capítulo uma abordagem acerca da educação de jovens e adultos (EJA), essa modalidade de educação é destinada às pessoas que não conseguiram concluir ou acompanhar os estudos na faixa etária determinada nas Diretrizes Curriculares propostas e na Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Isso acontece por vários fatores, muitos estudantes em um determinado período de sua vida precisam escolher entre estudar ou trabalhar e por necessidade maior optam pelo trabalho, outras pessoas não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade certa e passam a frequentar esse espaço já na fase adulta, são à essas pessoas que a EJA é destinada.

Na apresentação do livro *Diálogos na educação de jovens e adultos* (2018) organizado por Leônicio Soares, Maria Amélia Giovanetti e Nilma Lino Gomes, a EJA é descrita como “um campo carregado de complexidades que acerce de definições e posicionamentos claros. É um campo político, denso e carrega consigo o rico legado da Educação Popular”. Dito isto, nos propomos a apresentar aqui os aspectos históricos e evolutivos dessa forma de ensino e também as leis educacionais que garantem a sua vigência, levantando questionamentos e refletindo sobre a trajetória da educação que é destinada aos jovens e adultos do nosso país.

4.1 Contexto histórico, evolutivo e leis educacionais

A educação é, sem dúvida, um dos pilares fundamentais de uma sociedade humana. Ao longo da história muitos foram os que os que tiveram a oportunidade de compreender a sua importância, vendo que a prática de leitura e escrita era fundamental para o seu desenvolvimento social. Com o tempo a sociedade começa a perceber que a educação é muito mais que a aquisição de determinadas bases, sentindo-se a necessidade de ir além. Assim, a educação que antes era restrita para as classes mais intelectuais e elitistas, vê no século XIX uma mudança fundamental de paradigma, a partir dessa época ela passa a ser defendida como um direito a ser acessado por todos, com isso a educação passa a ocupar o centro da vida das comunidades.

Ao longo do século XX as discussões que foram iniciadas no século XIX passaram a ganhar força, dessa maneira, os países que faziam parte das Nações Unidas, a partir da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que consolida que “toda a pessoa tem direito à educação”, conforme o artigo 26º, (ONU, 1948), começam a ter maiores preocupações em investir na educação de seus habitantes.

O Brasil, que nessa época tinha cerca de 72% de sua população analfabeta, criou o Plano Nacional de Educação, garantindo em tese o acesso obrigatório e gratuito ao ensino, se o ensino regular estava em uma situação indesejada a educação de jovens e adultos era caótica, o plano de educação passou a contemplar também essa modalidade.

O Artigo 22 da LDB nº 9.394/96 garante que:

Está prevista a Educação de Jovens e Adultos – EJA, classificada como parte integrante da Educação Básica, sendo, portanto, dever do Estado disponibilizar vagas nessa modalidade de ensino aos que não foram escolarizados na idade considerada como correta. Antes, porém, é necessário analisar, mesmo que de forma breve, a história da Educação de Jovens e Adultos (LDB nº 9.394/96).

Mediante os fatos, fica nítido por meio da lei a obrigatoriedade do Estado em proporcionar a essa parte da população o direito de acesso à educação, dando a essas pessoas a oportunidade de iniciarem ou retomarem seus estudos, a idade mínima para frequentar essa modalidade de estudo é de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para o ensino médio de acordo com a LDB.

A partir dos anos 40 vários programas e campanhas foram sendo construídos visando a diminuição do índice de analfabetismo no país, de acordo com (Oliveira, 2019 p. 4), nesse período teve “a criação do (FNEP) Fundo Nacional de Ensino primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958”.

Todo esse desenvolvimento e investimento na educação se deu em parte por conta da pressão feita pela ONU e UNESCO (Órgão das Nações Unidas para a Educação, Ciência e cultura) para que os países que estavam atrasados em relação à alfabetização de sua população erradicassem o analfabetismo, era o

caso do Brasil, assim a medida que o índice de alfabetização fosse aumentando o *status* de “atrasada” iria desaparecendo. Esse processo ganhou força também, por conta de movimentos políticos visto que quanto maior o número de leitores maior seria também o número de eleitores, pois só quem podia exercer seu direito ao voto eram as pessoas alfabetizadas.

Nos anos 50, a educação para jovens e adultos passa a ser vista com olhos mais sensíveis e inclusivos, surge nesse cenário uma das figuras mais notáveis no contexto educacional do nosso país e do mundo, Paulo Freire com ideias inovadoras que possibilita um novo jeito de conduzir o processo de ensinoaprendizagem. O estudioso e educador ver a educação como um campo de constituição de práticas libertadoras, promovendo por meio dela a inserção no meio social e o combate a segregação, essa nova perspectiva compreende que a educação deve estar ligada à realidade do educando, dessa forma esse estudante desenvolverá habilidades que possibilite a sua participação na transformação dessa realidade.

Nas palavras de Paulo Freire (1996):

Ensinar exige respeito aos “saberes dos educandos” de forma que educadores e escolas devam não somente respeitar os saberes trazidos pelas classes populares, os quais foram construídos socialmente na prática comunitária, mas também buscar o estabelecimento das razões de ser destes saberes com os conteúdos pela escola trabalhados (Freire, 1996, p.33).

Com esse novo ponto de vista sobre a EJA Paulo Freire é convidado pelo Ministério da Educação (MEC) para compor o grupo responsável pela criação do Plano Nacional de Alfabetização, porém o Golpe Militar de 1964 impossibilita a criação desse projeto.

Nesse cenário o processo educacional, que vinha ganhando forma, ganha uma nova estrutura:

Nos tempos da ditadura militar, entre as décadas de 1960 e 1970, havia o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), foi um projeto do governo criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e que propunha a alfabetização funcional a jovens e adultos, visando: "conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida".

Nesse novo modelo educacional a alfabetização era resumida ao processo de decodificação dos signos linguísticos, de maneira muito superficial sem aprofundamento no discernimento de seu uso e nem de sua finalidade. Essa estrutura de ensino teve duração de menos de duas décadas sendo extinto em 1985, por conta da crise econômica que assolava o país, com o MOBRL fora de cena outros programas destinados a sanar o problema do analfabetismo foram criados.

Contudo, em 1990, segundo Almeida (2018), o órgão responsável pela manutenção desses programas, Fundação Educar, que era ligada ao MEC, também foi extinta, dessa forma, a responsabilidade de acabar com o analfabetismo no país é passada novamente para os municípios.

Em 1997, durante a V Conferência Internacional para a Educação de Adultos (CONFITEA), o seguinte discurso foi entoado:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça (UNESCO, 1997, p.1).

Entendemos a partir dessa afirmativa que a educação de jovens e adultos é uma importante ferramenta na formação de sujeitos autônomos, conscientes, críticos e reflexivos que ajudem no desenvolvimento do país. Dessa forma, pensar uma educação que contemple as necessidades dos educandos é imprescindível para que se tenha bons resultados no processo de ensino e aprendizagem pensar uma educação a partir desses princípios é assegurar “ a apropriação de bens históricos, sociais e culturais que permitirão ao jovem e/ou adulto da EJA (re)afirmar seu lugar na sociedade, atuando nela e interagindo com ela de modo reflexivo e consciente, possibilitando a construção de uma nação mais justa, igualitária e comprometida em proporcionar uma vida digna para sua população.” (Almeida, 2018, p. 34).

Já no século XXI é possível perceber novamente algumas evoluções nos programas destinados à oferta de oportunidades de estudos para jovens e adultos no ano 2000 o Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação

Básica, estabelece a Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, contemplando dessa maneira as especificidades desse público, podemos ver isso no seguinte trecho:

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes 34 curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar: I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação; II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores; III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (BRASIL, 2000, p. 1-2).

Em 2003 o Governo Federal o lança o Programa Brasil oportunizando aos estudantes matriculados nessa modalidade a conclusão de seus estudos em um período curto de tempo sendo 2 anos para o ensino fundamental e 1,5 para a conclusão do ensino médio, além disso foi criado o programa Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) que dá ao estudante a possibilidade de conclusão antes do período determinado, nesse processo o aluno realiza uma prova e caso atinja uma pontuação adequada para as habilidades que devem ser desenvolvidas na sua etapa de ensino ele é contemplado com o certificado de conclusão.

Percebe-se assim que a educação de jovens e adultos vem sendo construída e reconstruída ao longo do tempo, passando por percalços que de certa forma atrapalharam seu processo evolutivo. Mas que nas últimas décadas vem se fortalecendo novamente, por isso, faz se necessário cada vez mais que espaços para diálogos e estudos acerca desse tema sejam abertos.

4.2 Desafios e oportunidades dos alunos da EJA

Os estudantes frequentadores da EJA, como já mencionado, é um público que se encontra em sua grande maioria em vulnerabilidade social, muitos são trabalhadores e por conta de vários fatores vivenciados em seu dia a dia acabam encontrando dificuldades para conciliar as duas atividades, juntando esses aspectos com o fato de as escolas não pensarem um currículo que seja específico para essa modalidade e que eleve em conta suas experiências de vida esses estudantes acabam de certa forma sendo pressionados a abandonar mais uma vez seus estudos.

A EJA em sua essência atua como “um campo político de formação e de investigação, está irremediavelmente comprometida com a educação das camadas populares e com a superação das diferentes formas de exclusão e discriminação existentes em nossa sociedade. ”, afirmam Soares, Giovanetti e Gomes (2018, p. 1). Considerando tais afirmações é válido dizer que pensar uma educação para esse público é de certa forma refletir sobre a vida, sobre as pluralidades e singularidades de cada um, sobre as experiências já vivenciadas por ele, esses educandos chegam até a escola com um vasto conhecimento de mundo que precisa ser aproveitado durante as aulas para consolidação do conhecimento institucionalizado.

Miguel Gonzáles Arroyo em seu trabalho intitulado *Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública* (2018), levanta algumas reflexões sobre o perfil dos estudantes que acessam a EJA e como o sistema lidar com isso, ele diz que uma das formas de lidar com isso é lançar um olhar e enxergá-los como alunos e além disso é necessário

Tomarmos consciência de que estão privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir. Que milhões estão à margem desse direito. Que o analfabetismo e os baixos índices de escolarização da população jovem e adulta popular são um gravíssimo indicador de estarmos longe da garantia universal do direito à educação para todos.

É necessário possibilitar a esses estudantes uma nova modalidade de ensino que supra as suas necessidades e respeite as suas especificidades, porém isso não acontece, o que acontece é que esses alunos que não tiveram a

oportunidade de estudar no tempo certo recebem uma educação que imita a modalidade de fundamental regular, ou seja, ocorrendo assim uma “universalização do ensino fundamental”, sobre isso os autores supracitados comentam que “o direito dos jovens e adultos à educação continua sendo visto sob a ótica da escola [...] de dá oportunidades de acesso a esses níveis não cursados no tempo tido em nossa tradição como oportuno para a escolarização. A EJA continua sendo vista como uma política de continuidade na escolarização”.

É necessário refletirmos sobre isso, pois a educação destinada a esse público precisa atender suas necessidades, precisam de uma educação que esteja preocupada em lhes oferecer instruções para saberem lidar com as demandas atuais e se isso não acontece esses alunos não se sentem estimulados a frequentarem a escola novamente aumentando dessa forma à evasão escolar, esse problema vai além das questões já mencionadas aqui “visto que a estrutura política e econômica corrente no Brasil afaste do método de escolarização um número considerável de alunos oriundos da população de classes inferiores.” (Oliveira, 2019, p. 12).

Dessa forma, faz-se necessário ver esses jovens atentando-se a reconhecer neles o protagonismo enquanto estudantes e sujeitos sociais:

A visibilidade com que a juventude emerge nas últimas décadas e seu protagonismo não vêm apenas das lacunas escolares, das trajetórias escolares truncadas, mas vêm das múltiplas lacunas a que a sociedade os condena. Sua visibilidade vem de sua vulnerabilidade, de sua presença como sujeitos sociais, culturais, vivenciando tempos da vida sobre os quais incidem de maneira peculiar, o desemprego e a falta de horizontes; como vítimas da violência e do extermínio e das múltiplas facetas da opressão e exclusão social.

Esse trecho reafirma o fato de que os jovens e adultos são sempre vistos a partir de um olhar de carência e necessidades, isso é uma perspectiva já estruturada pelo sistema, e o que precisamos fazer é ir contra esse sistema observando nesses jovens as contribuições que eles proporcionam ao meio em que vive, é preciso entender que esses jovens-adultos paralisaram a sua vida estudantil, a sua vivência em sociedade não foi interrompida, esses sujeitos continuaram desenvolvendo, fora da escola, a sua “formação mental, ética, indenitária, cultural, social e política”, por isso, é fundamental que eles sejam

vistos como protagonistas a partir dessas participações sociais e não das suas perdas e fracassos.

Esse processo “extraescolar” pelo qual os integrantes da EJA passam, faz com que eles cheguem na escola com uma identidade já muito bem desenvolvida é isso que o caracteriza e diferencia-o de qualquer outra pessoa. Essa identidade não é construída de maneira aleatória, a identidade é forjada pelo convívio em sociedade, pela atuação no contexto sociocultural, familiar, político etc. nos quais esse sujeito se insere e é inserido. O Ministério da Educação considera que:

O reconhecimento da existência de uma sabedoria no sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente, contribui para que ele resgate uma autoimagem positiva, ampliando sua auto-estima e fortalecendo sua autoconfiança. O bom acolhimento e a valorização do aluno, pelo(a) professor(a) de jovens e adultos possibilitam a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito, porque parte dos conhecimentos prévios dos educandos para promover conhecimentos novos, porque fomenta o encontro dos saberes da vida vivida com os saberes escolares. (BRASIL, 2006, p. 19).

Considerar tais aspectos é dar oportunidade ao aluno de vivenciar uma educação libertadora, uma vez que a aprendizagem adquirida por meio da escolarização só é legitimada quando o aluno ver nela algo significativo e real que esteja relacionado aos seus conhecimentos adquiridos em outras instâncias, é necessário que esse conhecimento adquirido faça sentido no mundo fora das paredes da escola.

Quando o jovem, adulto ou idoso procura a escola ele busca também uma saída para não se sentir mais excluído em uma sociedade que está cada vez mais evoluída, ele está procurando fortalecer a sua identidade de sujeito letrado, isso faz com que a responsabilidade da instituição de ensino seja ainda maior, uma vez que precisa construir propostas que atendam a essas necessidades reais. Esse retorno à escola é provocado não só pela vontade voluntária do estudante, mas diversos outros fatores estão envolvidos e influenciam nessa tomada de decisão, tais como “a família, os padrões, as condições de acesso e as distâncias entre casa e escola, as possibilidades de custear os estudos” (Brasil, 2006, p.9), todos esses aspectos impactam diretamente na vida desses estudantes, muitas vezes são eles e não os próprios estudantes que tomam a decisão final de continuar ou não seus estudos, pois se não for possível conciliar o trabalho com os estudos esse jovem-adulto optará pelo trabalho, se esse

estudante não pode se locomover até a escola ele não terá acesso a ela, todos esses fatores devem ser analisados e considerados nesse processo.

Assim:

A EJA como espaço formador terá de se configurar reconhecendo que esses jovens e adultos vêm de múltiplos espaços deformadores e formadores onde participam. Ocupam espaços de lazer, de trabalho, cultura, sociabilidade, fazem parte de movimentos de luta pela terra, pelo teto e pelo trabalho, pela cultura, pela dignidade e pela vida. Criam redes de solidariedade e de trocas culturais, de participação nas suas comunidades e assentamentos, na cidade e nos campos. Esse olhar mais totalizante e mais positivo do protagonismo dos jovens-adultos poderá ser determinante à educação.

Portanto, cabe aqui salientar que por mais que esses estudantes que são contemplados pela EJA tragam em suas bagagens a falta de oportunidades e a carência de uma vida digna e justa, é preciso vê-los além dessas barreiras, pois eles são sujeitos que se constituíram e foram constituídos ao longo de suas vidas em um meio social que pode não ter ensinado as regras da gramática da língua portuguesa ou as operações mais complexas presentes na matemática, mas outros conhecimentos foram construídos ao longo desse tempo fora do ambiente escolar, e é imprescindível que esses conhecimentos sejam utilizados em sala de aula para que a educação seja vista como algo que irá acrescentar e modificar a vida desses alunos e não como algo utópico e inacessível, refletir sobre esses aspectos é refletir sobre a manutenção e continuidade de oportunizar o acesso ao ambiente escolar, é combater a segregação social.

5 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LITERATURA NA EJA

Neste capítulo apresentaremos algumas estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas no ensino de literatura na Educação de Jovens e Adultos, oportunizando a eles um contato mais profundo com os livros e textos literários. Rubem Alves em seu livro *Por uma educação romântica* (2002) traz várias reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem e a relação entre os membros que compõem a comunidade escolar. O autor, por meio de analogias, nos apresenta aspectos da educação que são necessários de serem discutidos, como é o caso do capítulo intitulado *Gaiolas ou asas*, nesse capítulo Alves (2002) escreve sobre a relação escola-aluno, ele enfatiza que a educação deve ser um ato de liberdade, e que quando isso não se concretiza a escola se transforma em uma gaiola impedido que os pássaros (estudantes) possam alçar seus voos, já as escolas “asas” oferecem aos estudantes a liberdade “escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. [...] escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo” (Alves, 2002, p. 26).

No trecho acima o autor nos faz refletir sobre a forma como o ambiente escolar pode interferir na vida dos estudantes, como a forma que o ensino chega aos alunos pode desmotivá-los a frequentarem as escolas, nos capítulos anteriores deste trabalho abordamos sobre o público da EJA e os desafios que esses estudantes precisam enfrentar para concluírem seus estudos, vimos também que a evasão escolar é muito comum nessa modalidade de ensino e um dos fatores que tem acelerado essa evasão é a forma como a escola tem ofertado o ensino para esses alunos, que não enxergam no ambiente escolar algo que seja significativo para a sua realidade de vida. Pensando nisso, buscaremos aqui abordar sobre meios didáticos que podem ser implementados pelos professores de língua portuguesa para engajarem seus alunos nas aulas de literatura.

5.1 Leitura literária na prática

A prática de letramento literário na sala de aula é uma forma de aproximar os estudantes dos textos literários despertando neles o senso crítico perceptivo sobre a obra, de acordo com (Prado, 2022),

Ao se adotar o letramento literário como meio de abordagem do texto, a obra literária passa a ser encarada como um registro histórico de indivíduos históricos; a prática do letramento literário em sala de aula proporciona o que pode ser considerado como uma arqueologia do saber, ou do conhecimento, pois o leitor crítico passa a “escavar” a obra na busca de indícios de representações sensíveis e próprias de seu contexto social.

É esse ensino que precisamos levar aos jovens e adultos da EJA, além de proporcionar a eles o contato com a literatura é necessário, e fundamental, que eles vejam esses textos como algo significativo para a vida deles, é necessário que esses textos desperte a atenção dos leitores e para que isso aconteça é preciso que o professor conheça o perfil de seus alunos e gostos de cada um, para isso é interessante que antes de levar o texto para a sala de aula o professor desenvolva alguma atividade onde ele possa identificar um texto que seja mais adequado para aquele contexto.

Considerando tudo isso, apresentamos aqui uma atividade que pode ser desenvolvida com os jovens e adultos da EJA para que seja estabelecida uma aproximação mais significativa entre o professor e seus alunos, vejamos:

Atividade 1- Conhecendo os alunos

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1- Você gosta de ler?

() Gosto muito () Gosto () Não gosto

2- O último livro que você leu foi há...

() Menos de um mês () Mais de um ano () Menos de um ano
() Aproximadamente seis meses () Não lembro () Não leio livros

3- Você costuma ler? Por quê?

- () Sim, porque é importante
- () Sim, porque eu gosto
- () Sim, por dever escolar
- () Sim, por outra razão. Qual? _____
- () Não, devido ao preço dos livros
- () Não, porque não gosto
- () Não, pois não encontro temas interessantes
- () Não, por dificuldade em compreender os livros e textos
- () Não, pois não encontro significado para minha vida
- () Não, por outro motivo. Qual? _____

4- Se você gosta, qual o seu tipo preferido de leitura?

- () Livros escolares
- () Jornais
- () Livros técnicos
- () Revistas
- () Ficção científica
- () Séries policiais

☐ Histórias em quadrinho

☐ Contos

☐ Poesia

☐ Crônicas

☐ Autobiografias

☐ Outros Quais? _____

5- Livros e autores chamados canônicos são aqueles considerados clássicos e de grande valor para a Literatura. Somente algumas obras pertencem ao considerado grupo seletivo do cânone literário. Você já sabia o que era cânone literário?

☐ Sim ☐ Não

6- Baseado na informação acima e em seus conhecimentos, cite uma obra que você acredita ser canônica:

7- Está lendo algum livro neste momento?

() Não () Sim.

Qual? _____ **8-**

Você considera suficiente o seu tempo dedicado à leitura?

() Sim () Não

10- Existe algum livro que o marcou? Qual e por quê?

11- Se você escrevesse um livro, que tema escolheria?

12- Se você pudesse criar/ virar um personagem, como ele seria?

13- Qual história que você já leu que mais se parece com a história de sua vida? Justifique sua resposta:

14- Avalie as afirmativas abaixo considerando os critérios de 1 a 5. Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas. Sinta-se à vontade para ser sincero (5)

Extremamente importante

(4) Muito importante

(3) Importante

(2) Pouco importante

(1) Sem importância

A) Ler livros que tenham a ver com minha realidade e experiência de vida.

B) Conhecer a história de vida dos meus colegas.

C) Compartilhar minhas experiências de vida.

D) Ler textos canônicos que possam resgatar minhas memórias e lembranças.

E) Relacionar o aprendizado na escola com minha própria vida, valorizando minhas experiências.

Agradecemos a sua participação nesta pesquisa.

Este questionário segue o modelo apresentado no livro intitulado *Caderno de artevidades literárias para EJA: uma colcha de retalhos, um álbum de retratos, um entrelaçar de histórias, uma construção de identidade*, organizado por Laís Lemos Silva Novo e Ana Cristina Coutinho Viegas, essa atividade é formulada e aplicada aos alunos com objetivo de conhecer seus hábitos de leitura, suas expectativas e necessidades, seu grau de familiaridade com obras literárias que fazem parte do cânone literário, instigar a reflexão e associação entre o que é lido e o que é vivido por esses alunos além de analisar o grau de importância atribuído às relações entre experiências pessoais e o aprendido em sala de aula, entre textos literários de escritores canônicos e resgate de memórias individuais e coletivas.

Para o desenvolvimento dessa atividade é necessário que o professor explique a sua finalidade aos alunos e a importância da participação deles na pesquisa. De acordo com Zanella (2022), a avaliação diagnóstica é um método pedagógico que permite que o professor conheça seus alunos, ela tem como propósito apreender os conhecimentos prévios desses estudantes acerca de um determinado assunto ou como está sendo o processo de aprendizagem ao longo da jornada estudantil dos alunos, podendo ocorrer em diferentes momentos durante o ano letivo, assim, o professor tem a constatação de qual ponto deve partir para que a sua maneira de ensinar esteja condizente com as necessidades de seus alunos, no caso do letramento literário, além de considerar a necessidade dos educandos é preciso levar em conta também as preferências deles em relação ao tipo de texto que será trabalhado em sala.

Consideramos, dessa forma, que essa etapa do processo é fundamental para que se alcance bons resultados e estabelecer uma relação mais sólida com os alunos por meio do conhecimento de seus gostos, isso facilita o processo de aproximação entre aluno e professor.

Após essa etapa de diagnose, chega o momento de o professor ler e analisar cada questionário, e com base os dados coletados planejar as atividades que serão desenvolvidas com esses estudantes. As obras literárias que serão trabalhadas dependerá dessas respostas, pois por meio delas o professor encontrará um ponto em comum e começará a trabalhar encima desse ponto e

ao longo do tempo desenvolverá seus métodos sempre levando em consideração o desenvolvimento dos discentes.

Primeiramente apresentaremos algumas estratégias que podem ser utilizadas pelo professor para trabalhar essas obras literárias independente do gênero e temática do livro. Para isso, contamos com o suporte teórico de Rildo Cosson (2014) e suas abordagens sobre os Círculos de leitura, o autor entende que para o desenvolvimento do letramento literário é importante que se estabeleça uma comunidade de leitores, respeitando a maneira de interpretação, compreensão e a leitura de cada membro desta comunidade, mesmo que seja uma medida simples, ela “assegura a participação ativa do aluno na vida literária e, por meio dela, a sua condição de sujeito” (Paulino; Cosson, 2009, p. 74).

Assim como os autores mencionados, entendemos que “o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário”, por isso apresentamos nesse trabalho a proposta de se trabalhar o texto literário por meio do círculo de leitura, para estimular a leitura coletiva e a formação e consolidação de uma comunidade de leitores, conferindo assim, um caráter social à leitura.

Cosson (2014), apresenta o método Círculo de leitura como uma prática privilegiada de grupos de leitores que fazem parte e se reconhecem enquanto integrantes de uma comunidade leitora específica. Dessa forma, o autor apresenta três pontos que são imprescindíveis para a leitura em grupo: o primeiro é o “caráter social da interpretação dos textos” e a apropriação e manipulação do repertório “com um grau maior de consciência”, o segundo diz respeito à ao estreitamento de laços sociais entre o grupo de leitores, essa prática “reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas” e o terceiro e último ponto é o fato de que “os círculos de leitura possuem um caráter formativo” (Cosson, 2014, p. 139).

Seguindo as orientações do autor supracitado, é importante que as atividades de leitura sigam as três fases seguintes: o ato de ler, o compartilhamento e o registro. O primeiro diz respeito ao encontro do leitor com a obra podendo acontecer de forma individual ou coletiva. O compartilhamento compreende a fase de preparação para discussão, ou seja, as anotações feitas a partir das impressões sobre o texto e a discussão propriamente dita, que é o debate sobre a obra que foi lida. Já a terceira fase, está relacionada ao registro,

é neste momento que os participantes “refletem sobre o modo como estão lendo e o funcionamento do grupo, assim como sobre a obra e a leitura compartilhada”, os registros podem ser feitos de diferentes formas, seja por meio do diário de leitura, fichas etc.

Ainda seguindo as orientações de Cosson (2014), sugerimos a utilização do diário e das fichas para os registros, citando Daniels (2002) o autor apresenta em seu livro um caminho a ser seguido, obviamente que esse “passo a passo” pode ser modificado conforme as possibilidades de cada comunidade de leitores. Vejamos:

- a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
- b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
- d) Ilustrador - Traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) Sintetizador - Sumariza o texto;
- g) Pesquisador - Busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
- i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes. (DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).

Atividade 2: A primeira leitura

Apresentado os conceitos é hora então de mostrar como será o desenrolar das atividades. Toda atividade a ser realizada requer planejamento, é nesse

planejamento que o professor traçará objetivos a serem alcançados em cada atividade desenvolvida. Após a escolha da obra literária feita pelo professor, é necessário que seja apresentado aos alunos o escritor da obra, se a escola tiver disponibilidade de computadores e sala de informática é interessante pedir que os próprios alunos façam essa pesquisa durante a aula.

Após esse momento, chega a hora da primeira leitura, o professor dividirá a turma em pequenos grupos e entregará um exemplar da obra escolhida para cada grupo, nesse momento é necessário deixar claro aos alunos que eles precisam ficar atentos à leitura, por mais que seja uma tarefa árdua é necessário que eles entendam isso.

Realizada a leitura o professor irá prosseguir com a atividade apresentando aos alunos as fichas de funções que cada grupo deverá seguir, exemplificamos no quadro abaixo como o professor pode organizar as fichas.

Quadro 01 – Fichas de leitura

Conector	O conector é o responsável por conectar o que foi lido com a fatos reais da vida, com o momento, ou seja, estabelecer uma conexão entre a obra ficcional e a realidade.
Questionador	É função do questionador preparar perguntas para os colegas sobre o texto lido.
Iluminador de passagens	O aluno responsável por essa tarefa escolherá um trecho do livro para explicar aos colegas.
Dicionarista	O dicionarista, como o próprio termo sugere, será o responsável pela seleção das palavras consideradas difíceis para a leitura do texto e explica-las.
Sintetizador	Sumariza o texto, ou seja, faz um resumo sobre toda a obra apresentando seus pontos chave.
Cenógrafo	Irá descrever as principais passagens da obra lida.
Perfilador	É reponsabilidade deste, traçar um perfil das personagens principais presentes na trama.

Fonte: Autora, 2024.

É interessante que durante a primeira leitura o professor desempenhe todas as funções, para que os alunos consigam compreender melhor a proposta da atividade, cabe ressaltar, que o professor deve deixar claro que esse modelo será seguido durante as outras leituras, nesse primeiro momento a responsabilidade dos alunos será apenas com as anotações no diário de leitura. Esse diário será apresentado após um tempo determinado pelo professor, seja a bimestralmente, semestralmente ou anualmente. Nesse diário pode ser anotado tudo que os alunos acharem necessário, suas dúvidas, impressões, comentários, conexões percebidas entre o texto e a sua vida, as técnicas utilizadas pelo autor na escrita etc.

Atividade 3: Leitura contínua

Nas próximas leituras que serão realizadas o professor será apenas o mediador, interferindo nos momentos necessários caso os alunos estejam com alguma dúvida no entendimento da leitura, é responsabilidade do professor, junto da escola, providenciar exemplares das obras lidas, se possível, é importante que cada aluno tenha um exemplar em mãos na hora da leitura.

Nessa etapa os alunos serão os responsáveis pelas fichas de funções, é importante que o professor esteja a todo momento incentivando e encorajando os estudantes a fazerem as anotações, pois nesse primeiro momento, por não terem costume com tais atividades, eles poderão se mostrarem resistentes.

Após a leitura é a hora de preparar a apresentação para os demais membros da comunidade leitora, o professor irá sentar com cada grupo e revisará junto com eles as anotações feitas, se necessário apontar elementos que podem ser melhorados ou que devem ser ajustados.

A apresentação é o próximo passo a ser seguido, para essa etapa o professor prepara um cronograma para organização das apresentações, com datas e o tempo destinado a cada grupo. No momento da apresentação é importante que a sala seja organizada de maneira adequada para o momento, pode-se pensar em um momento mais descontraído e informal, proporcionado conforto aos estudantes, além disso, recomenda-se a organização das carteiras em círculo, e o professor será o responsável pela mediação e por fazer as

considerações sobre cada apresentação. Para o dia da apresentação pode-se pensar também em proporcionar um cenário condizente com a atividade realizada com exposição de livros variados para que os alunos tenham contato com mais obras, apresentar um filme que esteja relacionado com as leituras realizadas e até mesmo organizar um *Coffee break*, para chamar ainda mais a atenção dos estudantes.

As estratégias que podem ser utilizadas para se trabalhar com a literatura em sala de aula são inúmeras, não pretendemos aqui prescrever uma espécie de receita a ser seguida nas aulas de literatura, mas a nossa intenção aqui é expor atividades práticas que podem ser utilizadas para o aperfeiçoamento do ensino de literatura, sabemos que a educação é um contínuo, nunca estará construída totalmente, a educação é em sua essência um constante processo de construção e reconstrução, e limitar esse processo a algo acabado e pronto é tirar a essência do fazer educação. Contudo, este trabalho com o intuito de contribuir e facilitar o trabalho do professor traz para discussão essa metodologia que tem como principal objetivo formar um sujeito leitor por meio da criticidade e reflexão, aproximando-o da literatura.

Para finalizar, este tópico retomamos novamente os estudos de Cosson quando ele diz que os círculos de leitura promovem o hábito da leitura e, conseqüentemente, a formação do leitor e a leitura literária, de forma que em seu desenvolvimento váia do espaço escolar, pois isso é o letramento literário.

Por fim, o autor ressalta que “ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humano” (Cosson, 2014, p. 179). Assim, oportunizar aos jovens e adultos da EJA a formação de uma comunidade de leitores é dá a eles a chance de se reconhecerem enquanto membros dessa comunidade e, acima de tudo, é das a eles a oportunidade de se reconhecerem enquanto sujeitos autônomos e responsáveis pela construção do próprio conhecimento, reconhecendo mesmo com as dificuldades eles podem sim chegar onde quiserem.

6 CONCLUSÃO

Durante a realização desta pesquisa objetivamos fazer uma investigação acerca do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos e a sua contribuição para a formação desses sujeitos. Ao longo da nossa escrita abordamos sobre as variadas concepções de leitura e reiteramos que o nosso compromisso aqui seria abordar a leitura como um processo interativo, que se realiza por meio de um diálogo seja ele entre leitor e autor ou entre leitor, autor e outros leitores, para isso buscamos embasamento em estudos teóricos e práticos que foram realizados acerca dessa temática.

Abordamos também sobre o letramento e o letramento literário, o primeiro diz respeito à prática social da linguagem, o sujeito letrado é o sujeito capaz de utilizar com propriedade a língua em diferentes situações sociais. Já o letramento literário está ligado à apropriação do sujeito sobre os textos literários fazendo destes uma fonte de conhecimentos que possam contribuir para sua formação sociocultural, bem como interferir na sua forma de agir em meio a sociedade que vive.

Apresentamos a trajetória do ensino de jovens e adultos no Brasil e percebemos que essa modalidade educacional sempre esteve em uma posição desfavorável trazendo prejuízos diretos ao público atendido por essa modalidade de ensino. Por conta dessa defasagem no processo de ensino e aprendizagem da EJA, os estudantes e professores muitas vezes se sentem desmotivados a estarem nesses ambientes isso acaba afetando o índice de aprendizagem desses alunos e por consequência a sua permanência na escola.

Durante toda a pesquisa buscamos refletir acerca da educação que é ofertada aos jovens e adultos do nosso país, direcionamos o nosso foco para a disciplina de língua portuguesa especificamente o ensino de literatura, na maioria das escolas o professor traz para sala de aula apenas conteúdos de gramática que são abordados por meio de metodologias tradicionais o que faz com que os estudantes se sintam cada vez mais desmotivados a irem para a sala de aula, pois não veem o ensino como algo significativo para a sua vida.

Pensando nisso, chegamos ao ponto chave deste trabalho, que é trabalhar o letramento literário na Educação de Jovens e Adultos vendo nessa forma de

trabalho uma possibilidade de tornar a escola um ambiente acolhedor e não enfadonho, sabemos que muitos dos estudantes acolhidos pela EJA são trabalhadores, quando vão para a sala de aula já estão cansados da sua jornada de trabalho, assim, é responsabilidade da escola e principalmente dos professores trabalharem de uma forma que não canse e desmotive ainda mais esses estudantes.

Com isso, trazemos para o nosso trabalho um método que pode ser trabalhado em sala de aula com esses alunos, que é o Círculo de leitura, esse método consiste na realização da leitura literária em sala de aula de forma coletiva, e além da leitura há também a discussão do texto lido, isso instiga nos alunos a sua capacidade crítico-reflexiva ao mesmo tempo que quebra o padrão sistemático da sala de aula mostrando a eles que há novas maneiras de apreender e que a escola pode ser sim um lugar agradável para estar e não um ambiente enfadonho e desgastante.

Portanto, buscamos aqui contribuir com os estudos cerca do desenvolvimento educacional de nosso país, há ainda, sem dúvidas, muito a ser estudado, podemos ainda em um outro momento sair de um estudo bibliográfico e levar essa contribuição para a prática, isso será, uma atividade que terá bons resultados em sua realização, mas por enquanto nos atemos a realização de um estudo apenas bibliográfico que também tem suas contribuições para a pesquisa em torno da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Por uma educação romântica**. 7ª ed. – Papirus Editora, 2002.

ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução / Terry Eagleton i tradução Waltensir Outra; [revisão da tradução João Azenha Jr] - 6ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIOVANETTI, M.A.; GOMES, L.G.; SOARES, L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4ª ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 16ª ed. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto 3ª ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, G. A. de. **A Educação de Jovens e Adultos**: Avanços e Desafios. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 08, Vol. pp. 126-138.

PAULINO, G.; COSSON, R. **Letramento literário**: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PRADO, M. A. **Leitura e humanização**: o letramento literário em uma abordagem crítica. Revista Porto das Letras, Vol. 8, Número Especial, 2022

SOARES, M. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.